

## O conceito de literatura e resistência de Alfredo Bosi

João Carlos Felix de Lima

**Resumo:** A obra de Alfredo Bosi constitui-se como marco das questões que atravessaram a crítica literária brasileira nas últimas décadas. Nossa apresentação pretende mapear parte desse movimento dialético, lendo-o pelo conceito de literatura e resistência, gestado na década de 70, como resposta à Ditadura Civil-Militar brasileira. Conforme se deve notar, o conceito é uma proposta diante das muitas leituras da coisa literária, que se origina na militância católica do autor, mas também na sua percepção das sobredeterminações que o Capital vinha (e vem) objetivando na vida de todos. A literatura é lida aqui como artefato simbólico posto no espaço dos campos de tensão próprios das determinações do tempo. Leio isso como parte das questões que atravessam o campo simbólico, na concepção de Pierre Bourdieu, parte de nossa metodologia, que se conjuga com o modo como o campo literário foi se formando no Brasil, atrelado que esteve, dentre outras propostas, à Universidade, no Brasil. Concluimos que o conceito ganha força quando submetido ao próprio projeto de Bosi ao constituir uma história literária, mas se firma como promessa utópica na derrocada das próprias utopias do tempo.

*Palavras-chave:* Alfredo Bosi; Literatura e Resistência; Crítica Literária Contemporânea.

“Literatura e Resistência” assume-se como conceito que condiciona a leitura de obras de literatura a partir de uma ótica que concilia o ético e o estético. Como se sabe, essa conciliação aparece como conceito singular dentro da tradição filosófica, de extração grega, resvalando-se na forma como esse povo pensava sua paideia, mas que, hoje, seria um índice incomum, já que ele perderia tónus em nossa época. Já na obra de Platão constata-se três ordens de problemas ligados à arte em geral, segundo Benedito Nunes: uma se dá em torno da função da arte; outra em torno de sua essência, de natureza ontológica; e, por fim, a relação entre as mais diversas formas que ela assume (NUNES, 2003, p. 8ss.). Uma vez que essas condicionantes encontram-se encerradas ao problema da arte como um todo, e é até difícil encontrar outras formas de abordar esse problema, partiremos delas a fim de tentar unificar os conceitos que se estendem à obra de Bosi.

Bosi compreende que a obra de arte introjecta valores que podem ser ideológicos ou contraideológicos. Por ser partícipe da condição humana, a arte não

tem essa condição jamais transigida, que é histórica, ou seja, ela é produto das condições materiais, econômicas, sociais e linguísticas, mas também participa de uma individualidade que a organiza, que a pensa, que a orchestra, que insere nela o seu *pathos*. De toda forma, o conceito formativo da literatura como um todo encampa esses índices e os condiciona a uma leitura que procura desvendar as máscaras que envolvem ideologias e contraideologias dentro do processo formativo da obra de arte: por isso, este conceito é historicamente determinado.

Assim visto, o conceito de literatura e resistência, antes lido em um texto que prepara o solo, como o capítulo de nome “Poesia e resistência” em *O ser e o tempo da poesia*, o primeiro de uma série a deslindar essa vertente de crítica no Brasil, pode explicar melhor esse flanco, mas que será ainda desdobrado em outros textos. Para efeitos de precisão, ficaremos apenas com este, inclusive porque encerra, de algum modo, as demais tintas do conceito, desenvolvido em outros textos.

### **Incursão.**

Nos volveremos em torno do texto mais tardio de Alfredo Bosi, publicado em 1977, chamado “Poesia e resistência”. Dos textos lidos em *O ser e o tempo da poesia*, este é um dos poucos ali inéditos. Portanto, as reflexões que se lerão são parte de uma especial atenção que Bosi deu ao tema em sua obra: o limite ético e estético que a obra de arte literária comporta.

Bosi conta que a sua geração, nos anos 60, compartilhava algumas perplexidades no campo das ideias e alguns valores semelhantes. Lendo a história, tem-se a oportunidade de verificar como essa cultura atravessou a geração de Bosi, expondo, de um lado, aqueles críticos que defendiam a compreensão da obra literária, sua forma, como aderente a uma leitura *imane*nte da cultura, gestada pelos teóricos do estruturalismo; de outro, ressaltando a preocupação não apenas política, mas ética, daqueles que defendiam a “urgência de entender a sociedade brasileira que habitávamos e que nos habitava, e, se possível, intervir nas suas estruturas

iníquas”. Não à toa, Bosi apontar para o marxismo como pólo, à época, de *salvação* daqueles pensadores. Obviamente que os processos daqueles a quem Bosi se alinhava refletiam o entendimento de que “os processos sociais enformam a vida simbólica” (BOSI, 1995, p. 275), por isso mesmo, não fazia sentido separar vida de literatura, já que ambas seriam o consórcio de um todo.

751

Claro que o marxismo, como tal, passaria ainda por um repensamento de ordem não apenas metodológica, mas ontológica. Forte mediação gestou-se por iniciativa de escolas que se abeiraram muito estreitamente da suspeita como modo de pensar as coisas, tais a psicanálise e o próprio marxismo, lemes através dos quais a Escola de Frankfurt, por exemplo, se guiaria. O acolhimento dessas ideias foi concomitante com as releituras que o marxismo sofreu pela linguística, que Althusser, Lacan e alguns outros intelectuais empreenderam.

Foi em meados da década de 70 que essas duas “positividades” entraram em uma crise decisiva. No caso da universidade brasileira, é por essa época que a crise se intensifica, mas no caso europeu, as andanças de seu repensamento se anunciaram um pouco antes. Mesmo assim, já em São Paulo, Bosi redireciona sua descrição desse tempo para o fato de que a releitura mais proveitosa se deu em torno do questionamento de certo marxismo ortodoxo, ainda também via Escola de Frankfurt. Por isso, adverte: “a dialética negativa parecia revirar e subverter o já conhecido e assentado, isto é, a ortodoxia do materialismo histórico que muitos de nós tínhamos codificado como se fôra um apêndice do evolucionismo linear” (BOSI, 1995, p. 277). Nada mais distante de seu pensamento posterior, que matiza as vertentes do materialismo dialético, altercando nuances antes apenas entrevistas, mas agora revigoradas pela argúcia da experiência.

“Sujeito” e “subjetividade” são as categorias que marxismo e estruturalismo tinham assentado de forma equívoca. Categorias que não saem do horizonte de pensamento de Bosi. Por isso, ele mesmo acabaria construindo uma teoria da poesia toda ela baseada no homem, no sujeito, pensada como índice do corpo. As categorias

de repensamento lidas em permanente contato com pensadores como Adorno, Habermas e Benjamin, sobretudo este último, foram importantes para esse tempo.

As consequências da teoria crítica no plano dos valores e do gosto artístico foram drásticas. Em vez da apologia do realismo dito socialista, começou-se a reivindicar a *fecundidade do imaginário* surrealista e da linguagem expressionista (penso nas preferências estéticas de Benjamin); Adorno, por sua vez, fez a apologia da nova música atonal, contrapondo-a politicamente à música digestiva espalhada pela indústria cultural e pela rotina das salas de concerto. *Arte não mais espelho da sociedade, mas arte versus sociedade: arte enquanto crítica* (BOSI, 1995, p. 277).

752

Outras bases seriam erigidas em auxílio ao questionamento que então se vinha formando. No centro dos julgamentos postulados pelos paladinos dessa formulação crítica está o “sujeito”, bem como o conceito de ideologia que atravessa toda a constelação de valores da arte. As pesquisas de autores os mais diversos como Marcuse, Foucault e Barthes, “entraram na mesma órbita cultural ensombrando com a acusação de positivismo autoritário aqueles modos de ler a obra de ficção que ainda amarravam firmemente estrutura econômica, classe, ideologia e ponto de vista” (BOSI, 1995, p. 278).

Importante saber agora como as reflexões de Bosi pensam o lugar da ideologia, momento que será definidor para o restante de nossas inquirições. Bosi alega que ideologia e literatura andam juntas no instante mesmo em que “*ambas pressupõem o mesmo vasto campo da experiência intersubjetiva*”. Porém, deixa claro que esse horizonte é fronteiriço, no sentido de que “a literatura exprime, re-apresenta, presentifica, singulariza, enxerga com olhos novos ou renovados os objetos da percepção, ilumina os seus múltiplos perfis e desentranha e combina as fantasias do sujeito”. O contraponto da ideologia se dá no instante mesmo em que ela “reduz, uniformiza os segmentos que reduziu, generaliza, oculta as diferenças, preenche as lacunas, as pausas, os movimentos descontínuos ou contraditórios da subjetividade”. As grandes obras dão testemunho disso: “*poesia e ideologia, poesia e doutrina, poesia e não-poesia, parentes, talvez rivais. Rivais, mas parentes*” (BOSI, 1995, p. 280).

Esse é o fundo teórico e histórico por onde Bosi e os homens de sua geração trafegam. Veremos agora o desdobramento disso, já que o contexto histórico já foi traçado.

Em primeiro lugar, o texto “Poesia e resistência” acopla uma teoria da crítica do presente. Isso se percebe nas admoestações e nas fisgadas que o texto conduz. No entanto, muito dela permanece como uma teoria que se pretende *totalista*, termo caro a Sérgio Paulo Rouanet, ou seja, Bosi procura no seu desenvolvimento jungir um grande espectro de aspectos literários. Por isso, precisamos tomar um cuidado precioso no sentido de ler esse texto dentro de seu contexto, relendo-o com outros da época, sob o risco de perder de vista a unidade e a abrangência que os conforma.

Percebe-se que o texto de Bosi demarca semelhante limite a que a perspectiva judia vinha ajuizando, sobretudo na Europa – na crítica literária, nomes como o de Walter Benjamin e Lukács, dentre outros, no início do século, todos eles, impregnados dessa ressalva que une a perspectiva judaica com certa extensão de problemas em torno da linguagem e da ação. Lukács, por sua vez, procura demarcar os contornos de uma teoria da forma literária associada à vida. A afirmação que se depreende desses escritos e da retomada bosiana, é que na linguagem perpassa mais do que simplesmente signos linguísticos, há, subsumida nessa perspectiva, uma ontologia que indicia que essa linguagem comporta algo mais que uma simples enunciação. Por isso, também, clarifica-se a insistência de Bosi em dizer da linguagem poética como expressa por uma vontade *mitopoética*, anterior, portanto, às demandas do tempo presente.

A reação de Bosi em torno da poesia lida àquele momento, é que a capacidade integradora e gregária dela cedeu lugar a um misto de apelo comercial e propaganda desbragada: as seduções do mercado colidiram com o ser da poesia. Ela agora “parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos de paisagem, de memória e de sonho que a indústria cultural ainda não conseguiu manipular para vender” (BOSI, 1977 [2000], p. 165).

O conceito que enforma o texto de Bosi cresce junto à negatividade do sistema, sua “má positividade”: Bosi lida com uma perspectiva que é recente, e pode ser pensada desde os românticos (desde Leopardi, por exemplo), até os nossos dias. A poesia assim lida assume formas que lhe são possíveis dentro de certos aspectos notórios de sua existência ontológica. Ela é histórica, mas seu “ser” não se resume a isso: o ideológico “não constitu[i] o ser da poesia, mas apenas seu modo historicamente possível de existir no interior do processo capitalista”. O leitor acertadamente identifica a matriz desse pensamento em torno de Lukács. Lembremos o texto introdutório, bastante famoso e sintomático, de *A teoria do romance*, quando, estudando culturas “fechadas” e “abertas”, Lukács afirma que o “fogo que arde na alma é da mesma essência das estrelas; distinguem-se eles nitidamente, o mundo e o eu, a luz e o fogo, porém jamais se tornarão para sempre alheios um ao outro” (LUKÁCS, 2000, p. 25). Vão, dentro do homem grego, de acordo com Lukács, integralizados, alma e sociedade, processo ainda encontrado na Idade Média, mas que se acompanha de certo *decaimento* em torno da ascensão do capital, e o conseqüente “desabrigo transcendental”, como chamaram os críticos de Lukács já no início do século, quando publicou o livro. É essa, precisamente, a precípua preocupação de Bosi: perceber que há um *desacordo* entre forma e conteúdo, no hoje, inscrito na poesia<sup>1</sup>.

Afinal de contas, de qual “unidade perdida” Bosi fala? De algum modo, ele acaba encerrando o entendimento que o leitor tem da perda dessa unidade, e compreende também que essa unidade não é lida na *performance* de parte da poesia

---

<sup>1</sup> O projeto bosiano se encontra no limiar do de Lukács, não apenas na sua direção hegeliana, e na sua renúncia a alguns índices mundanos de que a poesia estaria não apenas afetada, mas que teria sua ontologia desfigurada, como o texto não deixa de repetir. Lukács, no prefácio ao livro, escrito pouco mais de 40 anos depois, diria: “o autor da *Teoria do romance* não vai tão longe. Ele buscava uma dialética universal dos gêneros fundada historicamente, baseada na essência das categorias estéticas, na essência das formas literárias – dialética esta que aspira a uma vinculação entre categoria e história ainda mais estreita do que aquela por ele encontrada no próprio Hegel; *buscava apreender intelectualmente uma permanência na mudança, uma transformação interna dentro da validade da essência*”, p. 13 da *Teoria do romance* (grifos meus).

contemporânea. Por isso, vasculha as sombras daquele mesmo corpo que anseia, que vislumbra o sonho da compaixão e da empatia, forças do corpo que agregam, do homem *em comunidade*.

Estranhamente, a poesia calou na alma, e essa desvinculação entre alma, memória, sujeito e comunidade, produzem os efeitos de estranhamento e de distância. Aquele vínculo a que se refere Lukács perdeu-se no caminho, e a poesia já não canta a tribo: “os tempos foram ficando – como já deplorava Leopardi – egoístas e abstratos. ‘Sociedade de consumo’ é apenas um aspecto (o mais vistoso, talvez) dessa teia crescente de domínio e ilusão que os espertos chamam ‘desenvolvimento’ (ah! O poder de nomear as coisas!) e os tolos aceitam como ‘preço do progresso’”. O tom do texto de Bosi, muito semelhante ao de Lukács, é apoteótico e, de algum modo, apocalíptico também. Daí, o sentido de perda e de silêncio que atravessa sua ossatura, “a poesia moderna foi compelida à estranheza e ao silêncio. Pior, foi *condenada* a tirar só de si a substância vital. *Ó indigência extrema*, canto ao avesso, metalinguagem” (BOSI, 1977 [2000], p. 165-166).

Não seria demais apertar o cerco das referências pronunciando o mestre de ambos, Lukács e Bosi, aqui, já que ambos trafegam pelo caminho da nova “subjetividade” atrofiada, da “desconexão” com o mundo: “a relação íntima entre subjetividade e mundo, contudo, que, na *Asthetik*, Hegel chama de precondição para a verdadeira arte”, como resume Hans Ulrich Gumbrecht. Ainda sob a perspectiva de Gumbrecht, a ironia é que, para Hegel, a condição dos tempos modernos que atravessamos relacionam-se precisamente com a autorreferencialidade, a autoconsciência, a capacidade de o “observador” mover-se nas “suas próprias observações”. Ironia que explica, em parte, “por que a arte, conforme a noção de Hegel, deve chegar a um fim sob as condições de uma subjetividade mais auto-reflexiva e sob o regime de formas de temporalização de representação”. Ainda:

De um ponto de vista hegeliano, isso significa que a modernização epistemológica em torno de 1800, da qual a crise da representação artística e literária era uma parte, termina produzindo uma dinâmica autodestrutiva no sistema artístico, autodestrutiva ao menos em relação

às funções representacionais da arte e da literatura (GUMBRECHT, 1998, p. 17 e 19).

Aqui tão somente os anúncios do que essa crítica ainda estaria por ressaltar. Como os ventos do pós-modernismo ainda eram notoriamente tímidos, Bosi alenta já um “pé atrás” à sua anunciada chegada no Brasil de então. Antes disso, os anúncios de uma poesia puramente metalinguística soam aos ouvidos de Bosi como agressão, merecendo, a seu ver, uma reprimenda clara e altissonante. Repulsa, assim, no texto bosiano, a discrepância entre vida e poesia e forma, por isso, sua parcela *autista*, a poesia auto-referencial e metalinguística. “A poesia, reprimida, fecha-se em um autismo altivo; e só pensa em si, e fala dos seus códigos mais secretos e expõe a nu o esqueleto a que a reduziram; enlouquecida, faz de Narciso o último deus”. Tomando a coisa pelo nome: é a ideologia que articula os nomes e as coisas, de que essa poesia não escapa.

Interessante conjugar essas ideias com aquilo que Bosi dissera em entrevista a João Marcos Coelho, à revista *Veja* em 19 de novembro de 1975 – dois anos antes da publicação do livro que lemos, portanto. Quando perguntado sobre qual o modelo determinante da produção cultural brasileira nos últimos vinte anos, Bosi diria: “trata-se de uma ideia antiga, que no século passado recebeu o nome *progresso* (grifo meu), e de 1955 para cá ganhou muita força com o rótulo de *desenvolvimento* (grifo da revista). Ela constitui o eixo da política brasileira desde a II Guerra Mundial e, como as coisas não ficam só na política, se espalhou por todos os níveis da cultura”<sup>2</sup>. Quer dizer, emendando o enredo que faltava à coisa ideológica, fica claro que o momento histórico brasileiro propiciava uma releitura ideológica pela e da poesia dessa época, que Bosi lê como um *sintoma*, cujas causas podem ser as mais diversas.

Não seria demais notar o quão próximo Bosi estava de uma teoria da literatura que tentasse resgatar a produção popular, tradição esta *esquecida* pela cultura hegemônica, estendida ora sim, ora não, a manifestações esparsas da cultura erudita,

---

<sup>2</sup> Revista *Veja*, 19 de novembro de 1975, p. 3.

como é o caso de Guimarães Rosa. Bosi via um ressurgimento da cultura, durante alguns anos oprimida, aparecer agora; em outras palavras: “a cultura, hoje, está interessada em conhecer tudo o que não está no saber transmitido, ou que ainda não está catalogado”. Portanto, são essas algumas das premissas que movem o texto de Bosi nessa época, mas outras também têm sua cota de prestígio na sua leitura.

757

Faltaria à poesia o esquivo conhecimento do selvagem pensamento, já que acabou manipulada pelas formas de ideologia presente, sustentada por uma estranheza e por um silêncio que horizontaliza toda a esquizofrenia da poesia moderna, sua *autorreferencialidade*, traduzida em metalinguagem, “indigência extrema” e “canto ao avesso”, no dizer de Bosi.

Os índices de isolamento e de automação desse tipo de escritura forçam o poeta ao hermetismo, fuga ao aconchego das palavras obscuras, da sintaxe resistente e difícil. Poesia e ideologia caminham compactadas, e os tempos seriam propícios para essa consideração *positiva*. O equacionamento se daria por uma volta à infância, aos “mitos pretéritos”, de que canta o poeta Drummond em “Campo de flores”. “A resposta ao ingrato presente é, na poesia mítica, a ressacralização da memória mais profunda da comunidade” (BOSI, 1977 [2000], p. 174). Linguagem que recupera a “infância”, os recalques da memória, a “grafia do sonho”, os “textos do inconsciente”. É patente a aderência ao fazer reificado dessa poesia: “toda vez que por ‘metalinguagem’ entendo o domínio antecipado e vinculante de um código, estou diante de um estágio avançado de reificação do fazer poético”, p. 172. No entanto, esse mesmo código é dialetizado por Bosi no sentido de se verificar, ainda no próprio código metalinguístico, o anúncio de um “momento vivo da consciência que me aponta os resíduos mortos de toda retórica, antiga ou moderna (...) aqui a consciência trava mais uma luta e cumpre mais um ato de resistência a essa forma insinuante de ideologia que se chama ‘gosto’” BOSI, 1977 [2000], p. 172-3).

Carece notar que a perspectiva lukacsiana sofreria uma mutação especular, isto é, seria submetida posteriormente a um processo de reavaliação, quando depois

Bosi lida com outros autores, mas aqui nesse texto, é essa perspectiva que dirige o tom. Diríamos que o próprio Lukács já faz parte dessa nova visão que as esquerdas têm do objeto literário, matização que já o contexto indicava, dentro daquilo que Bosi vinha escrevendo.

Em vista dessa monção de coisas que se avolumam no horizonte especular do poeta, a poesia resiste. É preciso situar essa vocalização presente no discurso de Bosi, uma atualização da consciência poética que *nasce no horizonte do pré-romantismo*. Portanto, está aí sua inicial localização histórica: “e quero ver em toda a grande poesia moderna, a partir do Pré-Romantismo, uma forma de resistência simbólica aos discursos dominantes”<sup>3</sup>. Note-se a locução verbal (*quero ver*), tão pouco recorrente dos textos bosianos. Lembremos que esse tom se estenderá ainda por todo o texto; indica um andamento de denúncia que, de algum modo, semelha ao panfleto, sem, no entanto, sê-lo.

Ora, dirá ainda Bosi, qual seria então o contorno da poesia que se pretende resistente aos tempos modernos e que ainda captaria o sentido perdido naqueles mesmos tempos pretéritos de que falamos mais atrás? Qual a sua forma?

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (*poesia mítica, poesia da natureza*); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (*lirismo de confissão*, que data, pelo menos da prosa de ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da *sátira*, da *paródia*, do *epos revolucionário*, da *utopia*) (BOSI, 1977 [2000], p. 167).

Atravessam o texto bosiano pelo menos duas instâncias para as quais conflui a ideia de literatura-resistência. De um lado, ela é lida na sua *forma literária*. A *matriz dura da existência mesma da poesia*, seu “Ser”; de outro, há que se falar no tempo histórico que se quer resistente, lido no poema pela tradição crítica, da qual o próprio Bosi é participante. Em tempo: a condição de existência no mundo, a assunção como ente de cultura e seu “Tempo”. São essas as duas instâncias que medeiam o discurso bosiano, e é para ela que nos dirigimos desde agora.

---

<sup>3</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 167.

No caso da primeira delas, Bosi tece poucas considerações, pois já o fez nas páginas precedentes. Apenas registra que o *corpo dos afetos* é que se encontra no limite da poesia feita nesse tempo, isto é, é do sentido comunitário, perdido, que se está falando. “Mas o que move os sentimentos e aquece o gesto ritual é, sempre, um valor: a *comunhão com a natureza, com os homens, com Deus, a unidade vivente de pessoa e mundo, o estar com a totalidade*”<sup>4</sup>. Por isso, o calor assente na carnadura do poema – pois imersa em sangue, veias e artérias do corpo do sujeito, coisa pulsante – pode ser lido na poesia mítica, “plenitude *corpórea e espiritual* [que] resgata o sujeito da abjeção a que sem parar o arrasta a sociedade de consumo”.

Para Bosi, portanto, a conciliação entre sujeito e poesia é que poderá trazer o lastro de “boa negatividade” – seu caráter *negativo* nunca é perdido de acordo com a tese de Bosi, ou pelo menos, seu *valor* reside nele. De forma que a poesia possa ser “recordada”. Lembrando que é de instâncias afetivas, como as simbolizadas pelo coração, presente no grifo da raiz da palavra, que se indica a memória e a cultura: “re(*cordar*) a natureza, socializando-a no mesmo passo em que o homem se naturaliza” que se trata aqui. “A poesia que busca dizer a idade de ouro e o paraíso perdido acaba exercendo um *papel humanizador das carências primárias do corpo: a comida, o calor, o sono, o amor*”. Muito próxima está ela dos fios que tecem a utopia. É com base nessa leitura que Bosi interpreta a perplexidade de Marx, lido em texto escrito em 1857, havia vinte anos que Leopardi morreria:

O poeta, dizia Leopardi, não pode ser *absolutamente* poeta de seu tempo. Esse sentimento espinhoso de inadequação encontrará em Karl Marx (...) explica[ção] pelo desaparecimento da mediação mitológica. Mas tenta apreender, na sobrevida da arte, um fenômeno vital, a *infância recorrente na história das gerações humanas*.

Interpreto o texto de Marx como a admissão tácita da *co-ocorrência* (grifo do Autor), no cerne da poesia, de um tempo histórico-social e de um *tempo recursivo, corporal*, que garante a permanência de estruturas e valores aos quais já não corresponde o sistema econômico dominante (BOSI, 1977 [2000], p. 181).

---

<sup>4</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 178-179 (grifos meus).

Em outros termos, fica patente a subversão presente no texto bosiano, quando pleiteia, no valor da poesia, a recorrência dessas instâncias perdidas da infância da humanidade, do corpo, da alma, de algum modo, ausentes na feição da poesia contemporânea ao crítico. “A arte resiste porque a percepção animista ainda é, ao menos para a infância e, em outro nível, para o poeta, uma fonte de conhecimento”.

760

Embora semelhante no tom do que Bosi vem dizendo, ressentido-se que o *estrito* engajamento é demovido da coisa literária, pois a poesia não pode criar o mundo, está fora da alçada de seu poder, no entanto, ela o *nomeia*. Aproximo Adorno: “a verdade das obras de arte depende de se elas conseguem absorver na sua necessidade imanente o não-idêntico ao conceito, o contingente que lhe é proporcional (...) a sua finalidade, para subsistir, deve suspender-se no seu *outro*” (ADORNO, 2008, p. 159, grifo do autor), são considerações que reverberam os reflexos da obra de Hegel, fazendo-se sentir tanto num quanto noutro. Em outros termos, é essa capacidade *formativa e conceptual* que se está lendo no texto de Adorno, e que Bosi subscreveria como a saída simbólica para esses tempos que a poesia é capaz de produzir. É bem por aí que podemos explicitar uma das definições de poesia e resistência:

Procuro ver em toda a tradição literária, sobretudo a partir do século 19, uma poesia que resista às pressões, quer da academia, quer à idéia de que a poesia seja mera projeção dos sentimentos. Digo que, apesar de esses dois caminhos serem predominantes, o do formalismo excessivo e o do conteudismo bruto, não são os caminhos que julgo poesia de resistência, que é uma coisa mais macerada, um trabalho, mas não um trabalho pelo trabalho, é um trabalho de escavação, que nem sempre dá resultado imediato. Por que Dante comove? Ele escreveu em 1300, como um homem de 1300 pode me comover, em 2000? O que aconteceu: foi o ser que superou o tempo (SEREZA, 2000, p. D-4).

Quer dizer, o avanço da poesia se dá como trabalho lento, cursivo, pelo trabalho da memória. Ela também possibilita que o poeta frua a mesma intensidade de sentimento que ele mesmo pode cultivar com outros, daí a sensação de comunidade e de pertencimento, de quem pode acessá-la no contínuo movimento de seu caudaloso rio. O que resiste é aquilo que motiva sentido, aquilo que prolonga

esse sentido para a comédia da vida humana, ou para seu drama e tragédia: a vida mesma é que o diz. Portanto, para Bosi, a resultante das ações da cultura e da memória está na origem da constituição do objeto poético.

Ao mesmo tempo em que Bosi apresenta um modelo possível que explique a poesia e o poético como duradouros na sociedade humana – pela ideia de que os dados do mundo entranham-se na *memória da cultura*, que agora passa a ser um momento *individual* do *autor*, também agora o Autor demonstra um modo de a poesia captar outros momentos de resistibilidade, de empenho, que pode mediar os passos também do crítico.

O apelo de Bosi ao sentido de comunidade deve ser entendido como uma contraideologia para aqueles tempos, e que deve ser renovada utopicamente como *trans-valor*. Aqui, há que se falar da presença dos Evangelhos, das cartas paulinas, e de autores cristãos da afeição de Bosi como Sto. Agostinho e Pascal. Mas também há que se falar na confluência de autores cuja contextura diz respeito ao tempo da utopia, de que Benjamin, o próprio Adorno, Martin Buber e Ernst Bloch, parecem reverberar esperançosamente no tom e na perspectiva do texto.

Em torno dessa constatação, é cara a Bosi a imagem da volta ao passado e à memória. A poesia “resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia”. Melhor dizendo:

Assim, a consciência não está jamais fechada sobre si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. Isto explica talvez por que razão, nos períodos de calma ou de rigidez momentânea, das ‘estruturas’ sociais, a lembrança coletiva tem menos importância do que dentro dos períodos de tensão ou de crise – e lá, às vezes, ela torna-se ‘mito’ (BOSI, 1977 [2000], p. 169).

Por isso, desdobram-se inúmeras formas conscientes de resistência no seio da grande obra poética – que passam pelo “mito” propriamente dito – originalmente anunciadas pelo Pré-Romantismo europeu (inglês, alemão, francês e italiano, sobretudo), mito este que seria esquivo à “ordem burguesa”. Não estou certo de que

esta afirmação possa ser provada sem mais pormenores, inclusive historicamente ela é contestável. Caberia o exemplo de Eliot, de Céline, ou mesmo de Borges? O problema ético/estético, dois pólos fortes de leitura do texto ficcional, é realmente espinhoso, e está longe de ser resolvido. A poesia reconstituiria gradativamente “o universo mágico” renegado pelo tráfego dos tempos presentes. Qualquer “justificação do presente” consagra-se como antípoda, como “má poesia”, ou como má positividade: a poesia traça seu caminho caminhando a senda aberta pela *negatividade*, no limite, pela *ruptura*<sup>5</sup>. Trata-se de um retorno à infância.

É forte a adesão às categorias sugeridas pela *Estética* de Hegel, que vislumbra planos congruentes com aquelas perspectivas pronunciadas depois pelas teses de Max Weber, que o tornariam famoso, isto é: o tempo presente se ressentido do “desencantamento do mundo”, marca das sociedades capitalistas e, de algum modo também, condicionante de sua origem, perspectiva cara à tese do eminente sociólogo alemão em torno do reformismo protestante europeu. O problema está em achar no tempo presente, segundo Bosi, saídas a essa condição, daí a constatação subjacente à sua tese mais cara, a resistência “é uma possibilidade histórica”. Em tempo: é possibilidade política também, que não deixa de marcar a posição do autor em sua *militância de esquerda*.

Não se ausenta da poesia resistente o *valor humano* que no fim das contas é a parte do latifúndio que tenta escapar à reificação. Esse valor, Bosi não se furta de citar, até mesmo como programa de sua ética cristã que contagia todo o seu vocabulário. A poesia deve conter os lastros dessa experiência humana, sem a qual, como vimos, ela se espelha puramente na sua condição de *produto* e de espectro ideológico. “Reacionário”, diz Bosi, “é a justificação do mal em qualquer tempo. Reacionário é o olhar cúmplice da opressão”.

---

<sup>5</sup> “A lucidez nunca matou a arte. Como boa negatividade, é discreta, não obstrui ditatorialmente o espaço das imagens e dos afetos. Antes, combatendo hábitos mecanizados de pensar e dizer, ela dá à palavra um novo, intenso e puro modo de enfrentar-se com os objetos”, p. 173. A linguagem do corpo outra vez comparece em Bosi como índice forte de que o gesto, mesmo na angústia dos tempos que combatem o homem, vem saudavelmente acudi-lo na sua recusa.

É na poesia mítica que temos uma espécie de retorno às formas arcaicas de comunhão, sentida por Bosi na esfera da plenitude *perdida*, “corpórea e espiritual”, de onde o sujeito se vê resgatado de sua situação reificada, de onde, claro, o mercado espraia mais ainda suas raízes.

763

Como dissemos, atravessa essa mesma poesia um “tempo transversal” que o condiciona à sua recursividade social, vem daí o eixo de interpretação do famoso texto de Marx, que lemos mais atrás, e mostra as perplexidades do pensador alemão em torno justamente da força e da atualidade da arte, mesmo lida em tempos que não os de seu contexto estritamente histórico. De fato, é acachapante o movimento de resolução que o texto de Marx aponta.

Descobre-se que o mito, relacionado que está com as instâncias da infância, portanto, ancorado na memória, um dos fatores que correspondem à ideia de *autodeterminação do sujeito*, aponta para o ajuizamento de um pensamento que seja ao mesmo tempo “unitivo” e “concreto”. São eles, por sua vez, impulsos “recorrentes” da atividade poética. De outro lado, pode-se pensar que há, na arte, um fator de resistência porque ela se pauta justamente por um retorno à natureza, que é sua origem, como vimos. “Percepção *animista*”, como Bosi prefere, a “infância” é fonte de conhecimento, indicando com isso, o prazer do texto. De forma semelhante, esboça Octavio Paz a condição *viva* da poesia, atrelando seu significado ao espectro anterior ao da *experiência*, e até mesmo da *existência* do corpo pensante: tempo da poesia e tempo da revolução não coincidem (PAZ, 1999).

O poeta *re-concilia* essas fontes, unificando-as, e não à toa ele tem parentesco com o profeta, (*poeta-profeta*), como quer Bosi, agente da recusa do presente, mas cujas marcas apontam o futuro iminente, que é “aberto” e “feito de imagem e desejo. Sobretudo, desejo”. Para ambos, Bosi e Halbwachs, *a memória é ponto de contato, portanto, traz as marcas de identidade e consciência*. A respeito da poesia utópica, Bosi dirá que ela “pode avançar, miticamente, contra os mitos que a consciência

ultrapassou. Assim, uma forma de *pensamento selvagem*, que já foi pré-ideológica, pode operar em um contexto contra-ideológico”.

Ainda se perguntarmos qual o papel da forma na obra de arte, diremos, com Bosi, que ela consubstancia a visão de mundo do autor em um todo que se quer coerente, exprimindo um sentido; em outros termos: “encerra na figura, portanto, na *forma*, a sua intuição das pessoas e das coisas” (BOSI, 1977 [2000], p. 185). Esse ponto é importante na teoria de Bosi, e merece certa consideração. Para os materialistas ortodoxos, ressoando o pensamento de Lukács, a forma absorve os dados do mundo. Em outros termos, tempo (história) e forma (estética) são *conaturais*. Forma e conteúdo são objetivamente situados em um complexo situacional e, pelo que lemos do autor húngaro, são co-determinantes um do outro. Bosi guarda da forma sua subsistência e autonomia, mas não postula a determinação nem de uma nem de outra ocorrências, como quer Lukács. Em termos de *necessidade* e *universalidade*, categorias com que se postula o conceito de literatura ou arte literária, não seria uma má suposição, cremos, dizer que Bosi está mais próximo de Kant e, talvez, de Coleridge, que de Hegel aqui. Mas está claro que se afasta de ambos na medida em que congrega às suas postulações de ordem filosófica o fator ético. Isso, por paradoxal que possa parecer, induz ao repensamento daquilo que nos conduz à fenomenologia quando aponta que “a consciência de si” é o ponto a partir do qual o homem se coloca no mundo. A forma literária *livre* é parte dessa concretude fenomenológica, dessa *presença* no mundo da consciência, que se traduz, aliás, naquele fluxo entre consciências a que já nos referimos.

O que toca ambos os textos, tanto o de Bosi, nesse tempo, quanto o de Lukács, é certa ideia de *decaimento* e de *decadência* da forma, embora isso pareça se resolver de modo mais auspicioso e positivo no caso de Bosi. Os textos de Lukács denotam um verdadeiro sentimento de pertença, pensada a forma no seu instante épico, grego em sua origem, em que vida e poesia se imbricavam. Dizíamos que essa pertença será lida como “desabrigo transcendental”, um dos termos mais caros de sua estética

nesse tempo. Leiamos o que ele diz nesse sentido. O leitor já percebeu que, em torno da poesia moderna, Bosi explora o assunto de forma semelhante e o poema, para ele, conforma-se em uma reunião de forças contraideológicas, aspecto desenvolvido no seu último livro, mas já visto como fator que impregna sua escritura crítica; ideologia e poesia são “primas”, vocábulo que aparece no texto pelo menos uma vez, indicando justamente essa contaminação nem sempre salutar.

765

Embora Bosi tenha aderido à negação do tempo presente, como parece ser também o caso de Lukács, esse conceito não pode, no entanto, ser explanado para o repensamento da *forma literária*. De tal que a forma, longe de se deter em um esquema que Bosi chamaria de *mimético* ou *reflexivo* – porque co-determinante um do outro, segundo aquela visão lukacsiana – ela é, para o Autor, parte da autodeterminação do sujeito, na sua envoltura de memória e de história, livres *per se*. Assim, a forma existe e congela na sua constituição molecular, os átomos da “intuição” e da “expressão”, via *pathos*. Portanto, ao invés de o tempo histórico mediar uma possível conjunção dos tempos em uma parcela vistosa da forma apreendida do artista, ela ainda é *empatia* e *individualidade*.

Parece ser o caso também de se pensar a forma em torno de sua *determinação subjetiva*, indicando ao mesmo tempo o caráter de *intencionalidade* que essa forma evoca. Marca ainda maior de sua alteridade, ao mesmo tempo, a forma convoca nos seus pressupostos a conjunção coletiva de participação na História, envolta que está naquele índice de memória individual e de tradição, que, como vimos em Halbwachs, também guarda resquícios de coletividade.

O congresso entre mente criadora e utopia se reúne na mesma medida em que elas se situam *extra-tempo*. Talvez haja um tom idealista na retórica de Bosi nessa passagem. Diríamos que os tempos de resistência tornaram esta crítica *apaixonada*, *ardente* até, vocábulo que comparece com certa frequência no texto. Contudo, essa retórica não se ressent de outra coisa que não sua incisividade residual em torno da figura da resistência, exposta na aderência ao projeto hegeliano de uma arte que

protesta contra a substância ideológica do mundo. Bem como de uma arte que combata o fetiche dos tempos atuais, a falsa voga de informação e, ainda, o do consumo manipulado neste nosso contexto, três décadas depois.

Já havíamos falado nisso, mas ainda é tempo de entender uma das teses mais provocadoras da ética-estética de Bosi: a congruência da poesia com os fatores de *coralidade*, ou seja, “o discurso da utopia é comunitário, comunicantes, comunista”. Apelando para esses vocábulos de raiz comum, o texto desperta ou reacende a luz que horizontaliza a radicalidade de sua proposta: contra todo solipsismo autista, a *crítica* avança na busca pelo homem na multidão. “O poema assume o destino dos oprimidos no registro da sua voz. O coro de todos os homens que trabalham no ritmo da dominação” (BOSI, 1977 [2000], p. 213). Trata-se, em outros termos, de “resistir comunitariamente”, cuja lembrança o texto evoca, em torno da análise de “*Giesta*” de Leopardi, lido sete anos antes em sua tese de livre docência.

A resistência, portanto, não pode ser pensada fora do eixo da esperança que avança na utopia de um porvir *identitário*: o que move o vocábulo é a *negação*, oferecendo um campo de possibilidades: “resistir é subsistir no eixo negativo que corre do passado para o presente; e é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro” (BOSI, 1977 [2000], p. 226).

## Referências

- ADORNO, Theodor. *Teoria estética* (Trad. Arthur Mourão). Lisboa: 70, 2008.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2000. 1ª edição: São Paulo: Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. BOSI, Alfredo. “Formações ideológicas na cultura brasileira”. *Estudos avançados* 9(25), 1995, pp. 275-293.
- COELHO, João Marcos. Entrevista Alfredo Bosi. *Veja*, 19/nov./1975, p. 3.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos* (Trad. Lawrence Flores Pereira). São Paulo: 34, 1998.

LUKÁCS, George. *A teoria do romance* (Trad. José Marcos Mariani). São Paulo: 34, 2000.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 2003.

PAZ, Octavio. *Los hijos del limo*. 2 ed. México: Fondo de cultura económica, 1999. Tomo 1 (Obras completas).

SEREZA, Haroldo Ceravolo. "Entrevista Alfredo Bosi". *O Estado de Sao Paulo*, 15/set./2000, p. D-4.